

**AS CONTRIBUIÇÕES DE GEOFFREY CHAUCER
PARA A LITERATURA INGLESA MEDIEVAL**

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)
joao.bittencourt@bol.com.br

RESUMO

“Os Cantos da Cantuária” (inglês: “*The Canterbury Tales*”) é uma coleção de vinte e quatro histórias que abrange mais 17.000 linhas escritas em Inglês Médio por Geoffrey Chaucer entre os anos de 1387 e 1400. É altamente considerada como a obra-prima de Chaucer. Os contos (a maioria escritos em verso, embora alguns em prosa) são apresentados como parte de uma competição de contadores de histórias por um grupo de peregrinos enquanto viajam de Londres para Canterbury para visitar a tumba de São Thomas Becket¹¹ na Catedral de Canterbury. A recompensa para essa competição é uma refeição gratuita na Tabard Inn em Southwark no seu retorno. Tem sido sugerido que a maior contribuição dos “Cantos da Cantuária” para a literatura inglesa foi a popularização do vernáculo inglês na literatura convencional, em oposição ao francês, italiano ou latim. O inglês, entretanto, havia sido utilizado como uma língua literária séculos antes do tempo de Chaucer e vários de seus contemporâneos – John Gower, William Langland, o Poeta de Pearl, e Juliana de Norwich – também escreveram importantes obras literárias em inglês. É incerto até que ponto Chaucer foi inspirador nessa evolução de preferência literária.

Palavras-chave:

Chaucer. Literatura inglesa medieval. Os Cantos da Cantuária.

ABSTRACT

“The Canterbury Tales” (Middle English: “Tales of Caunterbury”) is a collection of twenty-four stories that runs to over 17,000 lines written in Middle English by Geoffrey Chaucer between 1387 and 1400. It is widely regarded as Chaucer’s *magnum opus*. The tales (mostly written in verse, although some are in prose) are presented as part of a story-telling contest by a group of pilgrims as they travel together from London to Canterbury to visit the shrine of Saint Thomas Becket at Canterbury Cathedral. The prize for this contest is a free meal at the Tabard Inn at Southwark on their return. It has been suggested that the greatest contribution of “The Canterbury Tales” to English literature was the popularization of the English vernacular in mainstream literature, as opposed to French, Italian or Latin. English had, however, been used as a literary language centuries before Chaucer’s time, and several of his contemporaries – John Gower, William Langland, the Pearl Poet, and Julian of Norwich – also wrote major literary works in English. It is unclear to what extent Chaucer was seminal in this evolution of literary preference.

¹¹ São Thomas Becket, Tomás Becket (Londres, 21 de dezembro de 1128 – Cantuária, 29 de dezembro de 1170), foi arcebispo de Cantuária de 1162 a 1170. É venerado como santo e mártir pela Igreja Católica e pela Igreja Anglicana. Envolvido num conflito com o rei Henrique II da Inglaterra pelos direitos e privilégios da Igreja, foi assassinado por seguidores do rei na Catedral de Cantuária.

Keywords:

Chaucer. The Conterbury Tales. English Medieval Litarature

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as contribuições de Geoffrey Chaucer para a literatura inglesa medieval. Há poucos detalhes do início da vida e da educação de Chaucer, mas em comparação com poetas contemporâneos da mesma época, William Langland e Pearl Poet, sua vida é bem documentada, com cerca de quinhentos itens escritos que atestam a sua carreira.

Chaucer nasceu em Londres, Inglaterra, por volta de 1343. Foi escritor, filósofo e diplomata inglês. Autor da obra “The Cantrbury Tales” (“Os Contos da Cantuária”), primeiro grande clássico da literatura mundial composto em língua inglesa. Filho de um rico comerciante de vinhos John Chaucer e de Agnes Copton. Teve excelente formação, foi pajem de um nobre da corte do rei Eduardo III. Tornou-se um renomado tradutor do francês, latim e italiano. Em 1359, Chaucer se juntou ao exército do rei durante a Guerra dos Cem Anos¹².

Caindo prisioneiro dos franceses, o rei efetuou o pagamento do seu resgate, em 1360. Em 1366, Chaucer casa-se com a dama de companhia de Filipa de Hainaut, esposa de Eduardo III. Faleceu em 25 de outubro de 1400. Às vezes chamado de pai de literatura inglesa, é atribuído a Chaucer por alguns estudiosos o fato de ter sido o primeiro autor a demonstrar a legitimidade artística do inglês nativo, em vez do francês ou do latim, línguas dominantes em sua época.

¹² Todas as traduções são de nossa responsabilidade. A Guerra dos Cem Anos, ocorrida entre 1337 e 1422, não foi uma guerra contínua, mas sim uma sucessão de batalhas envolvendo França e Inglaterra durante o processo de formação das monarquias nacionais europeias. Essa guerra é lembrada por conta da participação de Joana d’Arc, uma camponesa que lutou junto do exército francês. Uma das principais consequências da Guerra dos Cem Anos foi o fim da tentativa da Inglaterra de obter domínio sobre parte continental da Europa. Já para a França, a guerra fortaleceu o sentimento patriótico e colaborou para o surgimento de sua monarquia nacional e absolutista.

2. Primeiros anos

Há poucos detalhes do início do primeiros anos de vida e da educação de Chaucer, mas em comparação com poetas contemporâneos da mesma época, dentre eles William Langland e Pearl Poet, sua vida é bem documentada, com cerca de quinhentos itens escritos que atestam a sua carreira.

Em 1359, nos primeiros estágios da Guerra dos Cem Anos, Eduardo III invadiu a França e Chaucer viajou com Leonel de Antuérpia, Duque de Clarence e Conde de Ulster, esposo de Elizabeth de Burgh, herdeira do importante Condado de Ulster na Irlanda. Em 1360, foi capturado durante o cerco de Reims, tornando-se um prisioneiro de guerra. Eduardo III contribuiu com 16 libras, como parte de um resgate, e Chaucer foi liberado. Em 1366, Chaucer casa-se com a dama de companhia de Filipa de Hainaut, esposa de Eduardo III. A partir de 1367, Chaucer passa a receber uma pensão vitalícia do rei e inicia uma série de missões diplomáticas pelo exterior.

Durante as viagens à Itália, teve contato com os trabalhos de Dante, Boccaccio e Petrarca, que exerceram grande influência em suas obras. Em 1374, foi nomeado fiscal da alfândega de lã, pele e couro do porto de Londres, cargo que ocupou durante 12 anos. Nessa época, escreveu “Anelida e Arcite” (1379), “Parlement de Foules” (1382) e “Troilus e Criseyde” (1385). Em 1386, estabelecendo residência em Kent, foi eleito juiz de paz e membro do Parlamento.

Ilustração da segunda edição impressa dos *Contos da Cantuária* (1484).



3. *Período de maturidade*

O período de maturidade de Geoffrey Chaucer veio com a redação dos contos iniciados a partir de 1387, que formariam a obra “The Canterbury Tales” (Português: “Os Contos da Cantuária” ou “Os Contos de Canterbury”), escritos até sua morte. Considerado um marco cultural, os contos reúnem vinte e nove arquétipos da sociedade inglesa medieval, apresentados com uma visão de humor. Os contos estão repletos de citações clássicas, passagens pitorescas e ensinamentos morais relacionados à vida e aos costumes da sociedade inglesa no século XIV. Escrita em inglês médio, tornou-se um clássico da literatura mundial.

Até sua morte, Chaucer permaneceu como escriturário do Palácio de Westminster. Morava em uma residência no jardim da Capela de Nossa Senhora da Abadia de Westminster. Foi considerado o pai da literatura inglesa. Faleceu em Londres, Inglaterra, no dia 25 de outubro de 1400. Seu corpo foi enterrado na entrada da capela de São Bento. Em 1556, um monumento foi erguido em sua homenagem.

A coleção de personagens de “Os Contos da Cantuária” é muito rica, com representantes de todas as classes sociais, e os temas são igualmente variados. Os contos são recheados de acontecimentos curiosos, passagens pitorescas, citações clássicas, ensinamentos morais, relacionados à vida e aos costumes do século XIV na Inglaterra. Escrita em inglês médio, a obra foi importante na consolidação deste idioma como língua literária em substituição ao francês e ao latim, ainda utilizados na época de Chaucer em preferência ao inglês.

Não se sabe ao certo quando foram escritos “Os Contos da Cantuária”, mas menções em outras obras do próprio Chaucer permitem concluir que a maior parte dos contos foi redigida a partir dos últimos anos da década de 1380 até a morte do autor, em 1400. De acordo com o que Chaucer explica no *Prólogo Geral* da obra, o plano original previa que haveria quatro contos por cada personagem. Chaucer faleceu sem conseguir completar esse imenso plano, e assim a obra pode ser considerada inacabada. Além disso, há um conto, o do *Cozinheiro*, que permaneceu sem o final.

Chaucer era um homem de letras culto e seus escritos demonstram grande conhecimento de obras como a Bíblia e o *Romance da Rosa* e autores como Ovídio, Dante, Petrarca e Boécio (deste último chegou a traduzir a “Consolação da Filosofia” ao inglês). Também era grande conhecedor de escritores ingleses contemporâneos, como seu amigo John Go-

wer (KENT, 1330–1408), e de textos morais e religiosos diversos. Há referências a várias destas obras e autores em “Os Contos da Cantuária” .

Chaucer retratado como peregrino no manuscrito Ellesmere dos “Contos”.



A obra centra-se num grupo de viajantes que, saindo da pousada Tabard em Southwark (Londres), dirigem-se à Catedral de Cantuária, com o objetivo de prestar homenagem ao santuário de São Thomas Becket, um bispo católico assassinado, em 1170, por partidários do rei Henrique II de Inglaterra.

Em relação à forma narrativa geral, considera-se que a fonte mais importante de Chaucer na composição dos *Contos* foi o “Decamerão”, de Boccácio que também apresenta uma coleção de contos narrados por um grupo de pessoas, e vários dos contos do escritor inglês têm um paralelo na obra do italiano. A grande originalidade de Chaucer está no universo dos contos e dos personagens: enquanto no “Decamerão” os narradores de contos são nobres fugidos da peste negra; na obra de Chaucer encontram-se personagens de todas as classes sociais, desde o povo comum (moleiro, cozinheiro), religiosos (monge, priora) e nobres (cavaleiro, escudeiro). Cada um desses personagens narra um conto de acordo com sua visão de mundo, evidenciando a grande capacidade narrativa de Chaucer.

Existem atualmente 83 manuscritos medievais dos *Contos*, com textos mais ou menos completos. Esse grande número de manuscritos é evidência da grande popularidade da obra ao longo do século XV na Inglaterra. Nenhum deles é do punho do próprio Chaucer, mas alguns parecem haver sido copiados por escribas pouco tempo depois da sua morte. Um dos mais importantes é o manuscrito Hengwrt, copiado entre 1400 e 1410 e quase completo, que preserva a linguagem de Chaucer com bastante exatidão. O manuscrito mais famoso, apesar de ter muitas edições

que o afastam do original de Chaucer, é o manuscrito Ellesmere, belamente decorado com iluminuras.

A primeira versão impressa dos *Contos* foi publicada em 1476 por William Caxton em Westminster, seguida de outra em 1483. A obra foi, assim, a primeira grande obra em língua inglesa a ser impressa. Seguiram-se muitas outras edições ao longo dos séculos seguintes.

Os diferentes manuscritos da obra apresentam os contos em diferente ordem, não se podendo precisar a ordem pensada por Chaucer. Alguns, entretanto, apresentam clara relação um com o outro, o que ajuda a estabelecer uma ordem de alguns contos, agrupados em “fragmentos”. Um ordenamento popular nas edições dos *Contos* é o seguinte:

Fragment	Group	Tales
Fragment I	A	General Prologue The Knight's Tale The Miller's Tale The Reeve's Tale The Cook's Tale
Fragment II	B ¹	The Man of Law's Tale
Fragment III	D	The Wife of Bath's Tale The Friar's Tale The Summoner's Tale
Fragment IV	E	The Clerk's Tale The Merchant's Tale
Fragment V	F	The Squire's Tale The Franklin's Tale
Fragment VI	C	The Physician's Tale The Pardoner's Tale
Fragment VII	B ²	The Shipman's Tale The Prioress's Tale Sir Thopas' Tale The Tale of Melibee The Monk's Tale The Nun's Priest's Tale
Fragment VIII	G	The Second Nun's Tale The Canon's Yeoman's Tale
Fragment IX	H	The Manciple's Tale
Fragment X	I	The Parson's Tale

Chaucer escreveu em inglês médio, mais especificamente no dialeto londrino, que com o tempo contribuiria ao dialeto adotado como padrão para a burocracia inglesa (o Padrão da Chancelaria – *Chancery Standard*). A pronúncia na linguagem dos *Contos* difere em muitos aspectos da pronúncia do inglês atual, o que dificulta a leitura do original pelo leitor moderno.

A maior causa destas diferenças é que a chamada Grande Mudança Vocálica não havia ainda ocorrido completamente e, como consequência, muitas das vogais de Chaucer eram pronunciadas de uma maneira mais parecida com o latim, o italiano ou o português do que com o inglês moderno. Por exemplo, a palavra “been” (particípio passado do verbo *to be*; port *ser ou estar*) era pronunciada “bem” (/be:/, com um “e” longo) ao invés de “Bin” (/bi:/, “i” longo) como no inglês moderno.

3. *Resumo dos Contos*

Com 858 versos, ele narra o encontro dos vinte e nove peregrinos, incluindo o narrador, no Tabard Inn em Southwark, e sua decisão de ir juntos meditar no túmulo de Thomas Becket em Canterbury.

Cada um deles é objeto de uma descrição mais ou menos longa: um cavaleiro, seu filho escudeiro e seu senhor, uma priora, acompanhados por uma segunda feira e seu capelão, um monge, um irmão mendigo, um comerciante, um acadêmico, um advogado, um Franklin, um mascate, um carpinteiro, um alfaiate, um tintureiro, um tecelão, um cozinheiro, um marinheiro, um médico, um burguês de Bath, um padre, seu irmão lavrador, um moleiro, um gerente, um oficial de justiça, um vendedor de indulgências, o estalajadeiro de Tabard e, finalmente, o próprio Chaucer.

O estalajadeiro decide acompanhar os peregrinos e oferece-lhes uma brincadeira para alegrar a viagem: cada um contará quatro histórias, duas na ida e duas na volta, e a melhor história valerá para quem a contou uma refeição grátis. Um sorteio indica que o Cavaleiro será o primeiro a falar.

A Catedral de Cantuária no início do século XIX.



3.1. “The Knight’s Tale” (Inglês Médio: “The Knightes Tale”; Português: “O Conto do Cavaleiro”)

É o primeiro conto dos “Canterbury Tales”, de Chaucer. O cavaleiro é descrito por Chaucer no prólogo geral como a pessoa de mais alta posição social entre os peregrinos, embora seus modos e vestimentas sejam desprezíveis. Somos informados de que ele havia participado em cerca de quinze cruzadas em muitos países e também lutara por um líder pagão contra outro. Embora a lista de campanhas seja real, sua caracterização é idealizada.

Nessa jornada, o cavaleiro é acompanhado por seu filho de vinte anos. A narrativa introduz temas e argumentos tipicamente encontrados na literatura de cavalaria, incluindo amor cortês e dilemas. O conto é considerado um romance de cavalaria, mas é marcadamente diferente das tradições inglesas ou francesas de tais contos. Por exemplo, há a inclusão de temas filosóficos – principalmente do tipo contido na Consolação da Filosofia de Boécio – referências astrológicas e um contexto épico.

3.2. “The Miller’s Tale” (Inglês Médio: “The Milleres Tale”; Português: “O Conto do Moleiro”)

É o segundo conto (1380s–1390s), narra a história de um estudante de Oxford chamado Nicholas, que estudava astrologia e estava bem familiarizado com a arte de amar. Nicholas embarcou com um velho carpinteiro abastado, mas ignorante, chamado John, que era ciumento e muito possessivo de sua esposa sexy de 18 anos, Alisoun.

Certo dia, o carpinteiro sai, e Nicholas e Alisoun começam a se flertar. Nicholas agarra Alisoun, e ela ameaça gritar por socorro. Ele, então, começa a chorar, e depois de algumas palavras doces, ela concorda em dormir com ele, quando tudo está seguro. Ela fica preocupada se John descobrirá, mas Nicholas está confiante de que pode superar o carpinteiro. Nicholas não é o único a desejar Alisoun.

Um servente paroquial alegre e vaidoso chamado Absolon também admira Alisoun. Ele faz serenata para ela toda noite, compra-lhe presentes, e dá-lhe dinheiro, mas tudo em vão, Alisoun ama Nicholas. Ele tenta contar aos vizinhos a história do dilúvio, mas Nicholas e sua esposa o desmentem, passando o pobre homem por louco. Essa história tem um final inesperado e tragicômico, sendo que pela sua estrutura, pode ser comparado aos *fabliaux*¹³ medievais.

3.3. “*The Reeve’s Tale*”. (Português: “*O Conto do Capataz*”)

Esse conto aborda principalmente os temas relacionados a sexo, roubo e crueldade, que por sua vez permitem que alguém o descreva como uma comédia “negra”. Relata a história de ladrão chamado Simpkin, conforme explica o narrador: “Ele também era ladrão de milho e farinha e astuto; seu comportamento era roubar.”. Simpkin é um bruto notório que é casado com uma filha de um pastor. Eles têm uma filha de 20 anos chamada Molly e uma criança. O Miller preparou-se para roubar a refeição dos dois estudantes, Joe e Steve. Conhecendo o truque de Miller, eles se organizaram para receber o troco, fornicando com a filha e a esposa de Miller. O conto de Miller é diferente ou, em outras palavras, que o narrador fala associado a um pai idoso como ingênuo e inconsciente de seu entorno. O Miller se casa com uma mulher, que acaba sendo seduzida por um jovem chamado Nicholas. O narrador aponta: “Agora, homens, esse galante Nicholas acabou por começar a brincar com essa mulher nova, com vontade de brincar, seu marido saindo, direto do método Osney. Os alunos são astutos e estão dando lugar a “por capricho, ele a pegou pela quim” (91).

The Reeve, chamado Oswald no texto, é o gerente de uma grande propriedade que auferiu lucros incríveis para seu patrão e para si mesmo.

¹³ Um *fabliau* (plural *fabliaux*) é um conto cômico, geralmente anônimo, escrito por *jongleurs* (“malabaristas”) no nordeste da França entre c. 1150 e 1400. Eles geralmente são caracterizados pela obscenidade sexual e escatológica e por um conjunto de atitudes contrárias à igreja e à nobreza.

Ele é descrito nos Contos como magro, de mau temperamento e velho; seus cabelos são raspados refletindo seu status social de serviçal. Sua espada é enferrujada, mas ele cavalga um belo cavalo cinza chamado Scot. O capataz é um habilidoso carpinteiro, uma profissão que foi motivo de zombaria no conto anterior. Oswald responde com um conto que zomba da profissão do moleiro. Esse conto é baseado num *fabliau* (também a fonte da sexta história do Nono Dia do “Decamerão”, de Giovanni Boccaccio (1313–1375).

3.4. “*The Cook’s Tale*” (Português: “*O conto do cozinheiro*”)

Este fragmento de 58 versos de um conto de “harlotrie” (prostituição), como o poeta descreveu, conta a história de Perkin, um cozinheiro aprendiz de jogo e mulherengo que é demitido de seu emprego. Ele vai morar com um companheiro folião e sua esposa, lojista de dia e prostituta à noite. Nas festas de casamento ele gostava de cantar e pular sem parar. Gostava mais da taverna que do trabalho.

Nos dias de procissão em Cheapside, saía correndo para a rua, só voltando depois de assistir à passagem do cortejo inteiro e de dançar quanto quieria. Também costumava reunir à sua volta um bando da mesma laia, que só pensava em pular e cantar e divertir-se, marcando encontro nas ruas para os seus jogos de dados.

Não havia na cidade quem soubesse lançar um par de dados melhor que Perkin. Além disso, às escondidas, gastava dinheiro a rodo. Foi o que o patrão descobriu em seu negócio, ao deparar tantas vezes com a gaveta vazia. Na verdade, o patrão tinha que arcar com muitas despesas para sustentar o tal aprendiz farrista, que vivia atrás de dados, festas e mulheres. E o pior é que ele pagava sem ouvir a música.

E isso, porque frequentemente o furto e a folia se confundem e se transmudam em guitarra ou eu em rabeça. Como dizem, no seio da arraia miúda a farra e a honestidade nunca entram em acordo.

s estudiosos não têm certeza de como Chaucer pretendia que a história terminasse, e algumas versões manuscritas de “*The Canterbury Tales*” omitem esse fragmento por completo.

3.5. “The Man of Law’s Tale” (Português: “O Conto do Homem da Lei”)

Esse é o quinto conto de Chaucer, escrito por volta de 1387. A princesa Constance é filha do imperador em Roma. Mercadores sírios relatam sua grande beleza ao sultão. Um contrato de casamento é negociado por seu pai, que exige que o sultão e seus súditos se convertam ao Cristianismo. A mãe do sultão, furiosa porque seu filho daria as costas ao Islã, conspirou para impedir isso massacrando seu filho e a festa de casamento e deixando Constance à deriva no mar. Suas aventuras e proezas continuam depois que ela naufragou na costa de Northumberland.

A validade de sua fé cristã é provada por dois milagres. Sua companheira Hermengyld cura um cego. Um cavaleiro perverso que deseja seduzir Constance assassina Hermengyld e tenta incriminar Constance usando a adaga ensanguentada. Ele comete perjúrio e é misteriosamente morto. Northumberland é um país nominalmente pagão onde o Rei, Alla (baseado no entendimento de Chaucer da histórica Ælla de Deira rei da Nortúmbria em meados do século IX que se converteu ao Cristianismo após aprender dos dois milagres. A mãe má de Alla intercepta e falsifica cartas entre Alla e seu policial, o que resulta no banimento de Constance. De acordo com a “Crônica Anglo-Saxã”, tornou-se rei no mesmo ano que Ceaulino da Saxônia Ocidental, após a morte de Ida de Bernícia (ca 559), e governou por trinta anos. A *crônica*, no entanto, assinala o ano 588 como o da morte de Ella, que teria sido sucedido por Etelfrido de Benícia. Foi possivelmente por isso que o monge Florence de Worcester mudou a data da ascensão de Ella ao trono para 559.

3.6. “The Wife of Bath’s Tale” (Inglês Médio: “The Tale of the Wyf of Bathe”; Português: “O Conto da Mulher de Bath”)

Esse conto está entre os mais conhecidos de Chaucer. A história é narrada por Alice, a Mulher de Bath, que representa o poder da figura feminina que, sem contestar abertamente os conceitos morais predominantes, demonstra com abundância de argumentos, que os prazeres do sexo não devem ser privilégio apenas dos homens. A narradora utiliza de preceitos cristãos para afirmar o que tem como norte e defender sua opinião.

Antes de iniciar o conto, Alice conta sobre os seus cinco maridos, aspecto que só reforça a presença da característica cristã que preza o casamento, pois mesmo tendo se separado ela se casou novamente e afirma

sempre obter o que deseja, assim, se revela uma mulher de bom gosto e bela com “seu rosto atrevido, bonito e avermelhado”. Seu quarto marido é descrito como cultor das tragédias gregas e dos grandes autores romanos, fato este que pode ser comparado ao “Conto do Cavaleiro”, onde há predominância de elementos ligados à mitologia greco-romana.

3.7. “*The Friar’s Tale*” (Inglês Médio: “*The Freres Tale*”; Português: “*O Conto do Frade*”)

A história é sobre um certo frade e fala de um oficial de justiça malvado que, enquanto entregava intimações para o tribunal eclesiástico para processar uma velha viúva, encontra-se com um viajante misterioso, que acaba se revelando ser o próprio Diabo. Os dois trocam segredos sobre suas profissões, e o Diabo diz que eles acabarão se encontrando no Inferno se o oficial continuar a trabalhar tão bem.

Ilustração do Conto do Frade.



Nesse conto, Chaucer mostrou-se capaz de nos dizer várias histórias de uma só vez. Por um lado, pode ser lido como um sermão satírico de como a corrupção e os mal intencionados têm lugar no inferno, junto ao diabo. Por outro, pelo fato do homem desonesto ser um Oficial de Justiça eclesiástico (Beleguim), o conto pode ser interpretado como uma crítica direta à Igreja vigente na Inglaterra do final do século XIV.

3.8. “*The Summoner’s Tale*” (Português: “*O Conto do Invocador*”)

Esse conto descreve um violento contragolpe ao conto precedente pelo frade, que havia desfechado um ataque contra os invocadores. Um invocador era alguém que a igreja medieval contratava para chamar pessoas perante o tribunal eclesiástico por seus crimes espirituais, como adultério ou heresia, cuja punição podia ser a excomunhão (expulsão da igreja): o cargo era propenso a corrupção, já que os invocadores eram infames por ameaçar pessoas com multas a menos que cedessem.

O frade os havia acusado de corrupção e de pegarem propinas e o invocador procura atingir o frade através de sua própria história. A história reflete o tema de corrupção entre os clérigos da época. Em uma das várias cenas bem-humoradas, o invocador ouve um homem frustrado murmurar: “O diabo leva tudo, carroça, cavalo e feno em um só!”. Em seguida, exorta o diabo a aceitar a oferta, mas o diabo recusa, explicando a seu amigo ansioso demais que não era um pedido literal. Quando o invocador tenta obter suborno de uma viúva pobre, e ela também pede para o diabo levá-lo embora, o diabo pergunta se ela realmente está falando sério. Quando ela concorda, ele conduz o invocador para o inferno.

3.9. “The Clerk’s Tale” (Português: “O Conto do Caixeiro Viajante”)

Aqui a história é sobre um marquês de Saluzzo em Piemonte ao norte da Itália chamado Walter, um solteirão que é solicitado por seus súditos a se casar para ter um herdeiro. Ele concorda e decide que se casará com uma camponesa chamada Giselda, uma pobre garota acostumada a uma vida de sofrimento e trabalho árduo, que promete honrar os desejos de Walter em todas as coisas. Depois que Giselda lhe concedu a filha, Walter decide testar sua fidelidade. Ele manda um funcionário pegar a criança, fingindo que ela será morta, mas na verdade conduzindo-a secretamente para Bolonha. Griselda, por causa de sua promessa, não protesta, mas pede para que a criança seja sepultada de maneira adequada. Quando dá à luz um filho anos mais tarde, Walter faz o mesmo que fizera com a filha.

Finalmente, Walter determina o último teste. Ele consegue uma bula papal de anulação de casamento forjada que o permite abandonar Griselda, informando-lhe que pretende se casar novamente. Como parte de seu embuste, ele encarrega a própria Griselda para preparar a cerimônia. Enquanto isso, ele mandou buscar os filhos na Bolonha, e presenteia sua filha e sua pretendida esposa. Por fim ele informa Griselda sobre a

farsa, mas ela supera tudo pela alegria em ver seus filhos vivos, e todos vivem felizes para sempre. Em 1374, foi traduzida para o latim pelo intelectual poeta e humanista italiano por Francesco Petrarca, que cita a heroína, Griselda, como a mais feminina das virtudes.

3.10. “O Merchant Tale” (Inglês Médio: “O Marchantes Tale”; Português: “O Conto do Mercador”)

Nesse conto, Chaucer zomba sutilmente da literatura antifeminista como a de Teofrasto (Theofraste). O conto também mostra a influência de Boccaccio (“Decameron”: 7º dia, 9º conto, “Le Miroir de Mariage”, de Deschamps, “Roman de la Rose”, de Guillaume de Lorris (traduzido para o inglês por “Chaucer”), Andreas Capellanus, Statius e Cato.

O tema do conto é encontrado na Pérsia, no Bahar Danush, no qual o marido escala uma tamareira em vez de uma pereira. Pode ter chegado à Europa por meio das *Mil e Uma Noites*, ou talvez da versão no livro VI do *Masnavi* de Rumi. Embora vários dos contos sejam sexualmente explícitos para os padrões modernos, este é especialmente assim.

3.11. *The Squire’s Tale* (Inglês Médio: *The Tale Squieres*; Português: *O Conto do Escudeiro*)

A história se passa na corte do rei Genghis Khan (*Cambyuskan*), em Sarray, na Rússia. Este excelente monarca e sua esposa Elphéta têm três filhos: dois filhos, Algarsyf e Cambalo, e uma filha, a bela Canacé. Cambyuskan oferece um grande banquete para comemorar o vigésimo aniversário de seu advento. A festa é interrompida pela chegada de um cavaleiro desconhecido, emissário do rei da Arábia e da Índia, que traz quatro presentes mágicos ao rei: um cavalo de cobre, capaz de levá-lo onde ele quiser em menos tempo; um espelho que revela as dificuldades futuras, os pensamentos de amigos como inimigos e as decepções de um amante; um anel para entender a linguagem dos pássaros e aprender sobre a ciência das plantas medicinais; e uma espada capaz de atravessar a armadura mais grossa, e que causa feridas que só podem ser curadas aplicando-se a parte chata da mesma espada. Após a descrição dos presentes, as comemorações recomeçam.

A segunda parte do conto se concentra apenas em Canacé. Na manhã seguinte, com todos os convidados ainda adormecidos, exaustos pelas libações do dia anterior, a princesa levanta-se e vai dar um passeio.

Ela cruza o caminho com um falcão que se lamenta e se flagela. Graças ao seu anel, Canacé pode ouvi-la contar a sua história: o seu amado abandonou-a a favor de uma garça. A princesa recolhe o pássaro ferido e constrói um abrigo para ele. L'Écuyer então anuncia o resto de sua história: as conquistas de Genghis Khan, as aventuras de Algarsif com o cavalo de cobre até seu casamento com Teodora e as lutas de Cambalo com dois irmãos pela mão de Canacé.

No entanto, ele só tem tempo de dizer dois versos da terceira parte do conto antes de ser interrompido pelo Franklin, que elogia sua eloquência. Após uma intervenção do estalajadeiro, o Franklin começa seu próprio conto.

3.12. “The Franklin’s Tale” (Inglês Médio: “The Frankeleyns Tale”; Português: “O Conto de Franklin”)

O conto de Franklin se passa na Armórica (antiga região da Gália) e se concentra em questões de providência, verdade, generosidade e gentileza nos relacionamentos humanos. Um franklin medieval era alguém que não tinha *status* nobre, e as palavras desse peregrino ao interromper o Escudeiro são frequentemente vistas como uma demonstração de seu senso de *status* social inferior.

A história começa e termina contando como dois amantes, Arveragus e Dorigen, decidem que seu casamento deve ser de parceria igual, embora concordem que, em público, Arveragus deve parecer ter autoridade geral para preservar seu status elevado. Arveragus então viaja para a Grã-Bretanha em busca de honra e fama. Ele deixa Dorigen sozinho na França, perto da cidade costeira de Pedmark (hoje Penmarc’h) em Armorik (ou Bretanha, como é agora conhecida). Ela sente muita falta do marido enquanto ele está fora e está particularmente preocupada que o navio dele naufrague nas rochas negras da Bretanha quando ele voltar para casa.

Enquanto Arveragus está ausente, Dorigen é cortejada contra sua vontade por outro pretendente, um escudeiro chamado Aurelius. Finalmente, para se livrar dele e bem-humorada, ela faz uma promessa precipitada e diz a Aurelius que ele pode ter o amor dela, desde que ele possa se livrar de todas as rochas na costa da Bretanha. Aurelius então consegue os serviços de um mágico estudioso das artes arcanas, que, tendo pena do jovem, pela soma principesca de mil libras concorda “thurgh sua magia” para fazer todas as pedras “aweye” “para um wyke ou tweye

“(possivelmente por associação com uma maré excepcionalmente alta). Considerando que estes envolviam principalmente o sobrenatural das fadas, aqui a magia é apresentada como um negócio erudito realizado por funcionários com formação universitária.

4. Conclusão

“Os Contos de Canterbury”, como vimos, é uma coleção de histórias (duas delas em prosa, e outras vinte e duas em verso) escritas a partir de 1387 por Geoffrey Chaucer, considerado um dos consolidadores da língua inglesa. Na obra, cada conto é narrado por um peregrino de um grupo que realiza uma viagem desde Southwark (Londres) à Catedral de Cantuária para visitar o túmulo de São Thomas Becket. A estrutura geral é inspirada no “Decamerão”, de Boccaccio.

A coleção de personagens dos “Contos da Cantuária” é muito rica, com representantes de todas as classes sociais, e os temas são igualmente variados. Os contos são recheados de acontecimentos curiosos, passagens pitorescas, citações clássicas, ensinamentos morais, relacionados à vida e aos costumes do século XIV na Inglaterra. Escrita em inglês médio, a obra foi importante na consolidação deste idioma como língua literária em substituição do francês e do latim, ainda utilizados na época de Chaucer em preferência ao inglês.

Não se sabe ao certo quando foram escritos os “Contos da Cantuária”, mas menções em outras obras de Chaucer permitem concluir que a maior parte dos contos foi redigida a partir dos últimos anos da década de 1380 até a morte do autor, em 1400. De acordo com o que Chaucer explica no “Prólogo Geral” da obra, o plano original previa que haveria quatro contos por cada personagem. Chaucer morreu sem conseguir completar esse imenso plano, e assim a obra pode ser considerada inacabada. Além disso há um conto, o do Cozinheiro, que permaneceu sem o final.

Existem atualmente 83 manuscritos medievais dos *Contos*, com textos mais ou menos completos. Esse grande número de manuscritos é evidência da grande popularidade da obra ao longo do século XV na Inglaterra. Nenhum deles é do punho do próprio Chaucer, mas alguns parecem haver sido copiados por escribas pouco tempo depois da sua morte. Um dos mais importantes é o manuscrito Hengwrt, copiado entre 1400 e 1410 e quase completo, que preserva a linguagem de Chaucer com bastante exatidão. O manuscrito mais famoso, apesar de ter muitas edições

que o afastam do original de Chaucer, é o manuscrito Ellesmere, belamente decorado com iluminuras. O elenco de personagens dos “Contos da Cantuária” é muito rico, com representantes de todas as classes sociais, e os temas são igualmente diversificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada Almeida. Revista e Atualizada. *Sociedade Bíblica do Brasil*, São Paulo, 2021.

BOWDEN, Muriel. *A Reader's Guide to Geoffrey Chaucer*, London: Thames and Hudson, 1965.

BROWN, Peter (Ed.). *A Companion to Chaucer*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2002.

CARLSEN, G. Robert; CARLSEN, Ruth Christoffer (Eds.). *English literature: a chronological approach*. New York: Webster-MacGraw-Hill, 1985.

CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales* (Middle English Edition). New York: Modern Library, 1994

CHAUCER, Geoffrey. *Contos da Cantuária*. Trad. do inglês moderno e notas de José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

CARTER, Ronald and McRAE, John. *The Routledge history of English literature: Britain and Ireland*. London and New Yprk: Routledge, 1997.

CLARK-HALL, J. R. *A Concise Anglo-Saxon dictionary* (MART: The Medieval Academy Reprints for Teaching), Reprinted of the fourth edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HARVEY, Sir Paul. *The Oxford companion to English Literature*. Fourth edition. Oxford: Oxford University Press, 1967.

HIGA, Carlos César. *Guerra dos Cem Anos; Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/guerra-cem-anos.htm>. Acesso em 09 de julho de 2022.

McARTHUR, Tom (editor). *The Oxford companion to the English language*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1992.

McCRUM, Robert; CRAM, William; MacNEIL, Robert. *The story of English*. London: Faber and Faber, 1986.

NORTH, John. *Chaucer Universe*. Oxford, Oxford University Press, 1988.

ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

PILES, Thomas. *The origins and development of the English language*. Second edition. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

POOLEY, R. C. (Ed.). *England in literature*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1968.

The English Language in the Fourteenth Century (Geoffrey Chaucer Website na Universidade de Harvard). Disponível em: <https://chaucer.fas.harvard.edu/pages/text-and-translations>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

SCULTZ, Herbert C. *The Ellesmere Manuscript of Chaucer Canterbury Tales*. San Marino CA: Huntington Library Press, 1999.